

Bernardo Barros Oliveira
Universidade Federal Fluminense

A estetização da política na época da sociabilidade eletrônica

Na década atual, no campo das humanidades, autores como Jonathan Crary, Jamie Barlett ou Yuval Harari encontram forte ressonância no público leitor para seus sombrios diagnósticos e previsões a respeito da deterioração de formas de convivência e política, provocada pela tecnologia, em particular pelas redes de sociabilidade eletrônica. De acordo com seus escritos, a reeducação dos sentidos, efetivada por novas possibilidades tecnológicas de percepção, acarretou alterações significativas nas formas de compreensão de si e do outro que caracterizaram a modernidade desde o século XVIII. Trata-se de diagnósticos estéticos, no sentido originário da palavra. Enquanto tais, incidem sobre a sensibilidade, ou seja, área de contato com a realidade marcada pelo fato de ser a fronteira entre o corpo e o mundo. Enquanto zona de interação entre interior e exterior, a sensibilidade é também território de disputa política, talvez o mais crucial. À luz de alguns aspectos contidos nos trabalhos dos autores supracitados, relativas à progressiva interconexão de grande parte da humanidade em redes mundiais de comunicação, nas quais ressalta a espetacularização do cotidiano pessoal, pretendemos revisitar o epílogo do ensaio A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, de Walter Benjamin. Buscaremos ressaltar convergências e divergências desse escrito da década de 1930 em relação ao atual estado de coisas, investigando as potencialidades de expressões contidas na seção final do ensaio, como “estetização”, “expressão”, “guerra”, “massas”, “autoalienação” e “espetáculo”, para uma abordagem das implicações entre a emergência de novas tecnologias estéticas e as formas da política, em especial no que diz respeito às modalidades de participação no espaço público e de político que tendem a surgir na atualidade.